



ESOCITE.BR

GT 01: (In)dependências Sociotécnicas e Movimentos Sociais: Desafios de Engajamentos / Governanças com Novas Tecnologias

SESSÃO 1

DATA: 25/10/2023

DURAÇÃO: 10:30 - 12:00

Da nostalgia de Macunaíma às “Iaras Explicáveis”: reflexões sobre histórias situadas da informática

Alberto Jorge Silva de Lima (CEFET/RJ)

A urgência por abordagens situadas da ciência e da tecnologia tem sido apresentada de diferentes formas por pesquisadores/as dos campos dos Estudos CTS e da História da Ciência e da Tecnologia. Como exemplos, podemos citar: (a) a proposta de superação da ideia de “mágica importada” na apreciação do desenvolvimento da tecnociência na América Latina e sua substituição pelo reconhecimento da multiplicidade de formas, contextos e direções associados a este desenvolvimento; (b) ou a proposta de uma informática pós-colonial como um conjunto de táticas pragmáticas para uma apreciação da informática em países não-ocidentais. Nesta linha, proponho um diálogo com o modernismo brasileiro, revisitando Mário de Andrade e seu livro *Macunaíma* (1928), cuja narrativa estabelece uma aproximação situada às promessas da modernidade nos anos 1920, em termos de fazer das máquinas modernas “Iaras Explicáveis”. Essa formulação evidencia a proposta



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

modernista de superar a nostalgia por uma pretensa cultura nacional intocada ou pré-moderna, a partir da construção local de narrativas sobre os fatos e artefatos da tecnociência, isto é, a partir da atribuição de uma ontologia a eles, nos mesmos termos concedidos a entidades míticas como a lara brasileira. Finalmente, apresento brevemente, a partir de estudos de caso, exemplos de experiências que poderiam ser vistas como exercícios de fazer das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) “laras explicáveis”, envolvendo experiências de desenvolvimento de software livre no governo e de produção de dados em organizações da sociedade civil.

A construção do Dicionário de Favelas Marielle Franco: passado, presente e possíveis futuros

Pedro Henrique da Costa Braga (ITS Rio - Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro), Marcelo Fornazin (Fundação Oswaldo Cruz).

O Dicionário de Favelas Marielle Franco reúne pesquisadores e lideranças sociais em colaboração mediada por tecnologias digitais para compartilhar o conhecimento produzido sobre e pelas favelas. Para entender e descrever o processo de transformação do Dicionário desde sua concepção até o momento presente teremos que lidar com a complexidade trazida pelo caráter multidisciplinar do projeto e de seus atores, envolvendo conhecimentos populares e acadêmicos. Um ponto de partida para lidar com essa complexidade são os Estudos de Ciências-Tecnologias-Sociedades (CTS), que buscam entender a construção de fatos e artefatos tecnocientíficos pela imbricação, indissociabilidade e indeterminação entre o social e o técnico.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

Segundo a ótica CTS, a sociedade produz, desenha e configura a ciência, ao mesmo tempo que é (re)produzida, (re)desenhada e (re)configurada pela ciência. Dessa forma, os estudos CTS rompem as barreiras disciplinares ao “pensar em uma escrita que é ao mesmo tempo a das ciências exatas e a das ciências humanas e sociais. Uma escrita interdisciplinar (ou mesmo transdisciplinar) por excelência” (CUKIERMAN et al, 2007, p. 203). Ao aplicarmos esse olhar ao Dicionário de Favelas, podemos descrevê-lo não como a aplicação de uma tecnologia a um contexto, mas como um processo emergente na qual tecnologia e sociedade se constroem. O presente artigo busca contar a história de como as relações entre esses atores heterogêneos gerou o que hoje é materializado na plataforma online e quais disputas, escolhas e negociações ocorreram para chegar na configuração atual desta rede.

Repensando as possibilidades de independências tecnológicas digitais: Entre o software livre, infraestruturas comunitárias e as MAD (Big Techs ou GAFAM).

Guilherme Flynn Paciornik (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A proposta aqui é comparar iniciativas em relação à tecnologias digitais de movimentos sociais relativamente pequenos, mas com considerável acúmulo na discussão de tecnologias, com iniciativas recentes de grandes sociais brasileiros. Apresentar a ideia, efetivamente construída com software livre (SL), de data centers comunitários livres da Rede Mocambos (uma rede de 200 comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas) e sua concepção de



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

territórios digitais livres, territórios digitais construídos em software livre e sob efetiva gestão da comunidade; a Rede Base Comum, construída na zona sul de São Paulo e utilizando em sua construção SL e o hardware livre Libre Router; e a iniciativa da plataforma Rios, da cooperativa EITA, também construída em SL e utilizada, por exemplo, pelo Intervezes. Contratar com os usos de tecnologias digitais dos grandes movimentos sociais, bastante impactados por políticas de zero rating, como o MST, que utiliza SL na ENFF, mas tem dificuldade de difundir esse tipo de software em suas cooperativas e base, e de sair do uso do whatsapp; e com as iniciativas do MTST, através de seu Núcleo de Tecnologia, fundado em 2019, e de sua plataforma Contrate Quem Luta; bem como o uso crescente do conceito de soberania digital. Por fim, trazer a discussão dos próximos passos digitais possíveis de movimentos sociais, territorializados ou não, como a experiência de telefonia celular livre no México (uma torre da própria comunidade com números e gestão próprias) e o uso de Inteligências Artificiais em código aberto por parte de movimentos sociais progressistas.

Geração Cidadã de Dados sobre a Baixada Fluminense

Clécio Cardoso Santos (Colégio Pedro II), Ana Caroline de Oliveira (Colégio Pedro II - Campus Duque de Caxias), Adeilton dos Santos Silva Filho (Colégio Pedro II), Lucas Melo Moura (Colégio Pedro II), Kayky Carrilho de Brito Kelly (Colégio Pedro II- Campus duque de caxias), Cristiane de Souza Santana 10º (Colegio Pedro II)

Não é de hoje que a produção e análise de dados é importante na sociedade. Afinal, é através de dados, como os do Censo do IBGE, que podemos



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

conhecer o tamanho de uma população, as suas condições de vida, identificar desigualdades e assim elaborar políticas públicas específicas para atender às necessidades sociais e coletivas. Entretanto, vivemos nos últimos anos o que pesquisadores chamam de “colonialismo de dados”, onde grandes empresas de tecnologia estrangeiras realizam uma coleta massiva de dados pessoais em escala global e concentram a capacidade de processamento e geração de valor sobre esses dados em países do norte global. Compreendendo que dados representam poder, pesquisadores têm levantado o debate sobre a importância da “soberania digital”, ou seja, da capacidade do Brasil produzir, processar, armazenar e proteger os dados da população brasileira. Todavia, muitas vezes os dados que poderiam servir para elaborar políticas públicas que ajudassem a diminuir as desigualdades sociais são inacessíveis, inconsistentes com a realidade ou simplesmente inexistentes. Com base nesse diagnóstico, movimentos sociais têm desenvolvido iniciativas de “geração cidadã de dados”, que consiste na produção ativa e consciente de dados para a transformação da realidade local. A presente comunicação oral visa compartilhar a experiência do projeto de iniciação científica com estudantes do ensino médio integrado em desenvolvimento de sistemas do Colégio Pedro II, campus Duque de Caxias, na construção de um protótipo de plataforma para a geração cidadã de dados sobre a Baixada Fluminense.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

Sessão 02

DATA: 26/10/2023

DURAÇÃO: 10:30 - 12:00

Inclusão digital como estratégia para a prática da democracia e da autogestão no âmbito dos Empreendimentos Econômicos Solidários

Andreia de Jesus (Universidade Federal do Paraná), Lourença Santiago Ribeiro (UFPR)

Um elemento central da Economia Solidária é a autogestão, que precisa ser executada na sua essência para que se possa alcançar sucesso em empreendimentos econômicos solidários. Um dos obstáculos para uma gestão qualificada desses empreendimentos é a ausência do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação para gerir os dados e informações pertinentes à tomada democrática de decisões. Logo, o objetivo deste estudo é relacionar o processo de Inclusão Digital com a prática da autogestão em empreendimentos da Economia Solidária. Para tanto, foi aplicada uma metodologia de sistematização da literatura referente as diferentes concepções e ideologias da Economia Solidária, bem como as principais características da autogestão, com o intuito de identificar relações entre a Economia Solidária e processos de Inclusão Digital. Identificou-se com o estudo da temática a necessidade de um processo de Inclusão Digital em 3 níveis (alfabetização; letramento; uso consciente de tecnologias) e que atenda necessidades individuais e coletivas dos adeptos da Economia Solidária. Não se buscou neste estudo estabelecer considerações finais sobre o assunto, mas sim iniciais, pois muito há que se



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

discutir sobre Economia Solidária e sua integração com processos de Inclusão Digital. Considerando que necessidades sociodigitais para uma determinada atividade são definidas a partir da concepção e ideologia adotada. E como visto na literatura, ainda há uma diversidade de concepções e ideologias para a Economia Solidária.

A retomada do microcrédito no Banco Comunitário do Preventório: potências e limites de uma abordagem participativa

Luiz Arthur Silva de Faria (pesc coppe ufrj)

O artigo propõe relatar o processo de retomada da prática de microcrédito pelo Banco Comunitário de Desenvolvimento (BCD) do Preventório, no município de Niterói-RJ, entre 2019 e 2021. Após sua fundação, o banco logrou operação relevante até o ano de 2014, quando teve problemas com seu fundo em Reais para a operação do microcrédito. Especialmente a partir de 2019, o banco realizou iniciativas junto a entidades parceiras a fim de reconstituir seu fundo para microcrédito, para isso, tendo acesso tanto a recursos oriundos de campanhas de financiamento coletivo, quanto a recursos públicos e privados. O BCD definiu as seguintes linhas de microcrédito: construção/reforma; eventos culturais; produtivo; consumo. Precisamente, o artigo relata e reflete sobre as potências e os limites da abordagem utilizada na definição das regras e na concessão do crédito nesse processo, tendo como protagonistas integrantes do BCD, da comunidade e de entidades parceiras, entre elas a academia. Tal abordagem teve como ator relevante uma roda de conversa semanal, mediada por tecnologias de informação (celulares, computadores,





ESOCITE.BR

GoogleMeetings, Jamboards etc.) e que buscava construir consensos entre os grupos envolvidos acerca das tecnologias de microcrédito a serem adotadas pelo BCD, e disponibilizadas para a população local.

Matriz Avaliativa da Vínculo Longitudinal na Atenção Primária em Saúde – MAVIL: Constituição de Comunidade Virtual para o Fortalecimento da Avaliação da APS

José Muniz da Costa Vargens (Instituto NV de Desenvolvimento Humano Local), Marcelo Fornazin (Fundação Oswaldo Cruz), Elenice Machado da Cunha (EPSJV/Fiocruz), Lucas Lopes do Couto

A Matriz Avaliativa do Vínculo Longitudinal na APS – MAVIL é um método proposto para medir o grau de constituição de Vínculo Longitudinal entre os cidadãos e os profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde – UBS. Abrange: Aplicação da MAVIL em UBS de municípios em diferentes regiões do país; Constituição de comunidade virtual da MAVIL; Identificação de padrões de comparabilidade. O componente ‘Comunidade Virtual’ investiga como a construção coletiva do conhecimento baseada em uma ferramenta web colaborativa software livre impacta no contexto da Atenção Primária de Saúde. As premissas de autonomia local para promover adequações no processo de avaliação e no instrumental avaliativo como construção coletiva dos profissionais das UBS apontaram a escolha metodológica da engenharia de software sociotécnica para a construção da Comunidade. O trabalho foi dividido em: Escolha e implantação da plataforma tecnológica; Desenvolvimento do site e dos aplicativos de captação e análise dos dados; Incentivo ao uso da



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

Comunidade Virtual por interessados no desenvolvimento e na utilização do método. Desenvolvida em software livre e disponível no ambiente da EPSJV da FIOCRUZ <https://www.mavil.epsjv.fiocruz.br/>; Captação dos dados já em uso pelos três campos da pesquisa; Em avaliação do uso pelos pesquisadores de campo envolvidos. O prosseguimento da pesquisa visa o estabelecimento de uma comunidade de colaboradores, profissionais da saúde e da TI, comprometidos com a evolução do método que permita o acesso de forma independente por outros pesquisadores e profissionais da APS.

Desafios da interação entre universidade e sociedade no campo da educação solidária: um relato acerca de cursos de extensão sobre moedas sociais em universidades públicas brasileiras

Henrique Pavan Beiro de Souza (FMU - Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas), Carolina Gabriel de Paula Pupo (Colégio Santa Cruz), Luiz Arthur Silva de Faria (pescoppe ufrj)

O presente artigo tem por objetivo realizar uma descrição sobre quatro cursos de extensão a respeito dos bancos comunitários e das moedas sociais, que ocorreram no âmbito da universidade pública, sendo a extensão um de seus três pilares. Foram realizados na Universidade de São Paulo (2021), Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021 e 2022), Universidade Federal de São Carlos (2023), fomentados por um coletivo de pesquisadores, o Observatório de Bancos Comunitários e Moedas Sociais (OBM), que nasce em 2020 com a ideia de dialogar sobre as finanças solidárias com a sociedade civil. Neste sentido, o presente estudo discute papéis de uma ação formativa



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL



ESOCITE.BR

extensionista na difusão de práticas de caráter interdisciplinar de um movimento social, ligado às finanças solidárias. Abordamos a questão dando ênfase aos desafios da interdisciplinaridade e do diálogo entre conhecimentos acadêmicos e empíricos, produzidos por pesquisadores acadêmicos e agentes dos bancos comunitários brasileiros, tendo como base valorativa a economia solidária. A metodologia utilizada parte de uma análise exploratória e descritiva, com base em relatos de experiência dos autores/professores dos referidos cursos, bem como dos dados compilados sobre perfil e desempenho dos egressos. Desta forma, preconiza-se neste artigo uma análise das potencialidades, bem como dos limites de interação universidade-sociedade com base nesta experiência, e tendo como foco o fortalecimento da educação e da ação em atividades relacionadas à economia solidária.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL